

## DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR

### CIC 557-560: a entrada de Jesus em Jerusalém

- 557** «Ora, como se aproximavam os dias de Jesus ser levado deste mundo, Ele tomou a firme resolução de Se dirigir a Jerusalém» (*Lc 9, 51*)<sup>1</sup>. Por esta decisão, indicava que subia para Jerusalém pronto para lá morrer. Já por três vezes tinha anunciado a sua paixão e a sua ressurreição<sup>2</sup>. E ao dirigir-Se para Jerusalém, declara: «não se admite que um profeta morra fora de Jerusalém» (*Lc 13, 33*).
- 558** Jesus recorda o martírio dos profetas que tinham sido entregues à morte em Jerusalém<sup>3</sup>. No entanto, continua a convidar Jerusalém a reunir-se à sua volta: «Quantas vezes Eu quis agrupar os teus filhos como a galinha junta os seus pintainhos sob as asas!... Mas vós não quisestes» (*Mt 23, 37b*). Quando já avista Jerusalém, chora sobre ela<sup>4</sup> e exprime, uma vez mais, o desejo do seu coração: «Se neste dia também tu tivesses conhecido o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está oculto aos teus olhos» (*Lc 19, 41-42*).
- 559** Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei<sup>5</sup>, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (*Lc 1, 32*)<sup>6</sup>. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (*Sl 24, 7-10*) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (*Zc 9, 9*). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade<sup>7</sup>. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças<sup>8</sup> e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores<sup>9</sup>. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (*Sl 118, 26*) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.
- 560** *A entrada de Jesus em Jerusalém* manifesta a vinda do Reino que o Rei-Messias vai realizar pela Páscoa da sua morte e da sua ressurreição. É com a sua celebração, no Domingo de Ramos, que a Liturgia da Igreja começa a Semana Santa.

<sup>1</sup> Cf. *Jo 13, 1*.

<sup>2</sup> Cf. *Mc 8, 31-33; 9, 31-32; 10, 32-34*.

<sup>3</sup> Cf. *Mt 23, 37a*.

<sup>4</sup> Cf. *Lc 19, 41*.

<sup>5</sup> Cf. *Jo 6, 15*.

<sup>6</sup> Cf. *Mt 21, 1-11*.

<sup>7</sup> Cf. *Jo 18, 37*.

<sup>8</sup> Cf. *Mt 21, 15-16; Sl 8, 3*.

<sup>9</sup> Cf. *Lc 19, 38; 2, 14*.

## CIC 602-618: a Paixão de Cristo

- 602** Consequentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha, predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» (*1 Pe* 1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte<sup>10</sup>. Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo<sup>11</sup>, que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado<sup>12</sup>, «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» (*2 Cor* 5, 21).
- 603** Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente<sup>13</sup>. Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai<sup>14</sup>, assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (*Mc* 15, 34)<sup>15</sup>. Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (*Rm* 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (*Rm* 5, 10).
- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (*1 Jo* 4, 10)<sup>16</sup>. «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (*Rm* 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (*Mt* 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (*Mt* 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar<sup>17</sup>. No seguimento dos Apóstolos<sup>18</sup>, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»<sup>19</sup>.
- 606** O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou»<sup>20</sup>, «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós

<sup>10</sup> Cf. *Rm* 5, 12; *1 Cor* 15, 56.

<sup>11</sup> Cf. *Fl* 2, 7.

<sup>12</sup> Cf. *Rm* 8, 3.

<sup>13</sup> Cf. *Jo* 8, 46.

<sup>14</sup> Cf. *Jo* 8, 29.

<sup>15</sup> Cf. *Sl* 22, 1.

<sup>16</sup> Cf. *1 Jo* 4, 19.

<sup>17</sup> Cf. *Rm* 5, 18-19.

<sup>18</sup> Cf. *2 Cor* 5, 15; *1 Jo* 2, 2.

<sup>19</sup> CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de praedestinatione*, canon 4: DS 624.

<sup>20</sup> Cf. *Jo* 6, 38.

fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb* 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (*Jo* 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (*1 Jo* 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (*Jo* 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (*Jo* 14, 31).

- 607** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus<sup>21</sup>. A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (*Jo* 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (*Jo* 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (*Jo* 19, 30), diz: «Tenho sede» (*Jo* 19, 28).
- 608** Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores<sup>22</sup>, João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»<sup>23</sup>. Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca<sup>24</sup>, carregando os pecados das multidões<sup>25</sup>, e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa<sup>26</sup>. Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão»<sup>27</sup>.
- 609** Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (*Jo* 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (*Jo* 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens<sup>28</sup>. Com efeito, Ele aceitou livremente a sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (*Jo* 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte<sup>29</sup>.
- 610** Jesus exprimiu de modo supremo a oblação livre de Si mesmo na refeição que tomou com os doze Apóstolos<sup>30</sup>, na «noite em que foi entregue» (*1 Cor* 11, 23). Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai<sup>31</sup> para a salvação dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós» (*Lc* 22, 19). «Isto é o meu “Sangue da Aliança”, que vai ser derramado por uma multidão, para remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).

<sup>21</sup> Cf. *Lc* 12, 50; 22, 15; *Mt* 16, 21-23.

<sup>22</sup> Cf. *Lc* 3, 21; *Mt* 3, 14-15.

<sup>23</sup> Cf. *Jo* 1, 29-36.

<sup>24</sup> Cf. *Is* 53, 7; *Jr* 11, 19.

<sup>25</sup> Cf. *Is* 53, 12.

<sup>26</sup> Cf. *Ex* 12, 3-14; *Jo* 19, 36; *1 Cor* 5, 7.

<sup>27</sup> Cf. *Mc* 10, 45.

<sup>28</sup> Cf. *Heb* 2, 10.17-18; 4, 15; 5, 7-9.

<sup>29</sup> Cf. *Jo* 18, 4-6; *Mt* 26, 53.

<sup>30</sup> Cf. *Mt* 26, 20.

<sup>31</sup> Cf. *1 Cor* 5, 7.

- 611** A Eucaristia, que neste momento instituiu, será o «memorial»<sup>32</sup> do seu sacrifício. Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem<sup>33</sup>. Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: «Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade» (Jo 17, 19)<sup>34</sup>.
- 612** O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo<sup>35</sup>, é aceite seguidamente por Jesus, das mãos do Pai, na agonia no Getsémani<sup>36</sup>, fazendo-Se «obediente até à morte» (Fl 2, 8)<sup>37</sup>. Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» (Mt 26, 39). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado<sup>38</sup> que causa a morte<sup>39</sup>. E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida»<sup>40</sup>, do «Vivente»<sup>41</sup>. Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do Pai<sup>42</sup>, aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» (1 Pe 2, 24).
- 613** A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens<sup>43</sup> por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo»<sup>44</sup>, e o *sacrifício da Nova Aliança*<sup>45</sup> que restabelece a comunhão entre o homem e Deus<sup>46</sup>, reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados»<sup>47</sup>.
- 614** Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios<sup>48</sup>. Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega o seu Filho para nos reconciliar consigo<sup>49</sup>. Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor<sup>50</sup> oferece a sua vida<sup>51</sup> ao Pai pelo Espírito Santo<sup>52</sup> para reparar a nossa desobediência.
- 615** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (Rm 5, 19).

<sup>32</sup> Cf. 1 Cor 11, 25.

<sup>33</sup> Cf. Lc 22, 19.

<sup>34</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de sanctissimo Missae Sacrificio*, canon 2: DS 1752; Sess. 23ª, *Doctrina de sacramento Ordinis*, c. 1: DS 1764.

<sup>35</sup> Cf. Lc 22, 20.

<sup>36</sup> Cf. Mt 26, 42.

<sup>37</sup> Cf. Heb 5, 7-8.

<sup>38</sup> Cf. Heb 4, 15.

<sup>39</sup> Cf. Rm 5, 12.

<sup>40</sup> Cf. Act 3, 15.

<sup>41</sup> Cf. Ap 1, 18; Jo 1, 4; 5, 26.

<sup>42</sup> Cf. Mt 26, 42.

<sup>43</sup> Cf. 1 Cor 5, 7; Jo 8, 34-36.

<sup>44</sup> Cf. Jo 1, 29; 1 Pe 1, 19.

<sup>45</sup> Cf. 1 Cor 11, 25.

<sup>46</sup> Cf. Ex 24, 8.

<sup>47</sup> Cf. Mt 26, 28; Lv 16, 15-16.

<sup>48</sup> Cf. Heb 10, 10.

<sup>49</sup> Cf. 1 Jo 4, 10.

<sup>50</sup> Cf. Jo 15, 13.

<sup>51</sup> Cf. Jo 10, 17-18.

<sup>52</sup> Cf. Heb 9, 14.

Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»<sup>53</sup>. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados<sup>54</sup>.

**616** É o «amor até ao fim»<sup>55</sup> que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos todos no oferecimento da sua vida<sup>56</sup>. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2 Cor 5, 14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor *por todos*.

**617** «*Sua sanctissima passione in ligno crucis nobis justificationem meruit* – Pela sua santíssima paixão no madeiro da cruz, Ele mereceu-nos a justificação» – ensina o Concílio de Trento<sup>57</sup>, sublinhando o carácter único do sacrifício de Cristo como «princípio de salvação eterna»<sup>58</sup>. E a Igreja venera a Cruz cantando: «*O cruz, ave, spes unica!* – Avé, ó cruz, esperança única!»<sup>59</sup>.

**618** A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»<sup>60</sup>. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»<sup>61</sup>, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»<sup>62</sup>. Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»<sup>63</sup> porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»<sup>64</sup>. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários<sup>65</sup>. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor<sup>66</sup>:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»<sup>67</sup>.

<sup>53</sup> Cf. Is 53, 10-12.

<sup>54</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

<sup>55</sup> Cf. Jo 13, 1.

<sup>56</sup> Cf. Gl 2, 20; Ef 5, 2.25.

<sup>57</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 1: DS 1529.

<sup>58</sup> Cf. Heb 5, 9.

<sup>59</sup> Aditamento litúrgico ao Hino «Vexilla Regis»: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1974) p. 313; v. 4, p. 1129 [a versão litúrgica em português difere um pouco: «Cruz do Senhor, és única esperança!»: *Liturgia das Horas*, v. 2 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 366; v. 4, p. 1267].

<sup>60</sup> Cf. 1 Tm 2, 5.

<sup>61</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

<sup>62</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

<sup>63</sup> Cf. Mt 16, 24.

<sup>64</sup> Cf. 1 Pe 2, 21.

<sup>65</sup> Cf. Mc 10, 39; Jo 21, 18-19; Cl 1, 24.

<sup>66</sup> Cf. Lc 2, 35.

<sup>67</sup> SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

## CIC 2816: o Senhorio de Cristo obtido através da sua morte e ressurreição

**2816** No Novo Testamento, a mesma palavra «*basileia*» pode traduzir-se por realza (nome abstracto), reino (nome concreto) ou reinado (nome de acção). O Reino de Deus está diante de nós. Aproximou-se no Verbo encarnado, foi anunciado através de todo o Evangelho, veio na morte e ressurreição de Cristo. O Reino de Deus vem desde a santa ceia e, na Eucaristia, está no meio de nós. O Reino virá na glória, quando Cristo o entregar a seu Pai:

«É mesmo possível [...] que o Reino de Deus signifique o próprio Cristo, a Quem todos os dias desejamos que venha e cuja Vinda queremos que aconteça depressa. Do mesmo modo que Ele é a nossa ressurreição, pois n'Ele ressuscitamos, assim também pode ser Ele próprio o Reino de Deus, porque n'Ele reinaremos»<sup>68</sup>.

## CIC 654, 1067-1068, 1085, 1362: o mistério pascal e a Liturgia

**654** Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus<sup>69</sup>, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (*Rm* 6, 4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça<sup>70</sup>; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (*Mt* 28, 10)<sup>71</sup>. Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adoptiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.

**1067** «Esta obra da redenção humana e da glorificação perfeita de Deus, cujo prelúdio foram as magníficas obras divinas operadas no povo do Antigo Testamento, realizou-a Cristo, Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que, “morrendo, destruiu a nossa morte e ressuscitando restaurou a vida”. Efectivamente, foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu “o sacramento admirável de toda a Igreja”»<sup>72</sup>. É por isso que, na liturgia, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal, pelo qual Cristo realizou a obra da nossa salvação.

**1068** É este mistério de Cristo que a Igreja proclama e celebra na sua liturgia, para que os fiéis dele vivam e dele dêem testemunho no mundo.

«A liturgia, com efeito, pela qual, sobretudo no sacrifício eucarístico, “se actua a obra da nossa redenção”, contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja»<sup>73</sup>.

<sup>68</sup> SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 13: CCL 3A, 97 (PL 4, 545).

<sup>69</sup> Cf. *Rm* 4, 25.

<sup>70</sup> Cf. *Ef* 2, 4-5; *1 Pe* 1, 3.

<sup>71</sup> Cf. *Jo* 20, 17.

<sup>72</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 5: AAS 56 (1964) 99.

<sup>73</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 2: AAS 56 (1964) 97-98.

**1085** Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu mistério pascal. Durante a sua vida terrena, Jesus anunciava pelo seu ensino e antecipava pelos seus actos o seu mistério pascal. Uma vez chegada a sua «Hora»<sup>74</sup>, Jesus vive o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-Se à direita do Pai «uma vez por todas» (*Rm* 6, 10; *Heb* 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, absorvidos no passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que, pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece* e atrai tudo para a vida.

**1362** A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a actualização e a oferenda sacramental do seu único sacrifício, na liturgia da Igreja que é o seu corpo. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada *anamnese* ou memorial.

<sup>74</sup> Cf. *Jo* 13, 1; 17, 1.